

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA

Luís Campião

Nossa Senhora da Açoteia

Nossa Senhora da Açoteia

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE
Presidente
Guti Fraga

Diretor Executivo
Reinaldo da Silva Verissimo

Diretor do Centro de Artes Cênicas
Antonio Gilberto

Coordenadora de Teatro
Heloisa Vinadé

Diretora do Centro de Programas Integrados
Maria Ester Lopes Moreira

Gerente de Edições
Oswaldo Carvalho

CAMÕES - INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA - PORTUGAL
Ministério dos Negócios Estrangeiros
Presidente
Ana Paula Laborinho

Luís Campião

Nossa Senhora da Açoteia

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep: 20030-120
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

Edição
Oswaldo Carvalho

Produção editorial
Jaqueline Lavor Ronca

Produção gráfica
Julio Fado

Produção executiva
Suelen Teixeira

Programação visual
Eliane Moreira

Foto da capa
Acervo do autor

Revisão
Obra Completa Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação

Campião, Luís Patrício.
Nossa Senhora da Açoteia / Luís PatrícioCampião. – Rio de Janeiro : FUNARTE, 2014.
52 p. ;21cm .

VI Prêmio Luso-brasileiro de Dramaturgia Antonio José da Silva, 2012.

ISBN 978-85-7507-156-4

1. Teatro português.

CDD 869.3

Agradecimentos:

Armando Nascimento Rosa
Pedro Eiras

Para a Lili

Algarve, Portugal

Cozinha muito pequena e muito pobre, sugerida economicamente por elementos de cenário estritamente necessários. A luz deverá vir de "dentro da cena", da própria cozinha, limitando-se o uso de projectores do exterior da cena ao mínimo possível.

Uma mulher, que deverá ser representada por um homem, fala.

1

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

Quando era moça pequena, sentava-me num vaso, em que pelo menos naquele tempo as crianças se demoravam às vezes sentadas, e entretinha-me rasgando bocadinhos de papel que tentava colar com saliva à parede. Depois dizia: S. António, S. José, S. João, S. Francisco.

Isto desde gaiata. Muito novinha.

Tinha uma Nossa Senhora que brilhava no escuro. Era de quem eu mais gostava. A Nossa Senhora. Tão bonita, toda iluminada. Era quem me livrava dos piores castigos.

Tinha muita fé na Nossa Senhora. Pensava eu que, se aparecia a três pastorinhos na Cova da Iria, também me podia aparecer na açoteia. Não lhe custava nada. A Nossa Senhora da Açoteia.

Coisas de moça pequena.

A minha santa mãe – que Deus a tenha – é que me ouvia os disparates todos. "Há-de aparecer. Eu tenho a certeza. A Nossa Senhora gosta de todos os meninos e aparece a quem lhe reza muito." E eu rezava-lhe muito. Passava tantas horas de joelhos que até ouvia a minha mãe dizer que aquilo me fazia mal. "A moça não pensa em mais nada a não ser rezar. Há-de ir para freira". Mas freira é que eu não queria ser. Eu queria é que a Nossa Senhora me aparecesse, que eu tinha muitas mágoas para lhe confessar.
Depois lá me passou.
Depois apareceu o Francisco. E o Francisco não queria saber dos santinhos. Nem do de Assis a quem roubou o nome porque a mãe era devota. Deus a tenha.
Dos santinhos o Francisco não queria saber. Ele queria era saber de outras coisas que dizia que também eram santas. "Mas, ó Maria, se não queres ir para freira dá cá um beijinho *qu'isto* que eu sinto por ti arde-se-me como um fogo que só pode ser o Espírito Santo". "De santinhos percebo eu, ó Francisco, e isso que tu tens *p'r'aí* não é o Espírito Santo." Por pouco não me levava. Levado do diabo.
Mas era o que eu fazia. Naquele tempo. Rasgava bocadinhos de papel, colava-os com saliva na parede e aquilo passava a ser o meu oratório. S. José, S. João, S. Francisco, S. António…

Até hoje a Nossa Senhora nunca me apareceu. Mas nunca se sabe quando um milagre pode acontecer. A minha querida Nossa Senhora.
A minha trisavó viveu até aos duzentos anos. Mulher rija. Tenho bons genes. A morte não quer nada comigo. Pois sim. Hei-de viver até aos duzentos anos. Assim como assim, até aos duzentos anos.

Os homens são os homens. Valem o que valem. E não valem nada. Deixam-nos sozinhas enquanto dormem ao nosso lado. Habituam-nos à solidão, diabos os levem. Dão-nos os filhos e desaparecem nas tabernas. Chegam a casa, abrem-nos as pernas, servem-se, viram-se para o lado, dormem. São assim os homens. Assim me dizia a minha mãe. Assim me dizia a minha avó.
A Anequinha teve sorte. Teve um bom homem. Aquilo é que era um homem. Sempre do lado dela. Sempre ao lado dela. Se ela se queixava de alguma coisa, lá estava aquele homem ao pé dela. Sempre muito bem arranjado, que aquilo não era homem para se desleixar. Nunca lhe vi uma nódoa na camisa. Sempre bem arranjado. Algumas de nós nascem com sorte. Têm bons homens. Homens santos. Mas foi único. Nunca conheci homem como aquele. "Como vai, vizinha? Precisa de alguma coisinha, vizinha? Veja lá, vizinha, se não precisa de nada." Que homem é que fala assim? Quem é que não quer um homem que fala assim?
Morreu. Homens como aquele não deviam morrer. Deviam viver como a gente até aos duzentos anos. Para homens como aquele dá gosto a gente fazer o comer. Nunca se queixam. Comem o que se lhes põe na mesa. Dá gosto a gente fazer o comer.

O que a minha mãe tinha pelo meu pai não era deste mundo. Não me dizia ela por palavras, que para estas coisas a gente não usa palavras, mas eu lia-lhe os olhos. Sabia o que ela me dizia. E estas coisas, nós vamos aprendendo.
O meu pai sentava-se à mesa e não abria a boca. Não se lhe ouvia uma palavra. E se abrisse a boca estava o caldo entornado. Já se sabia. Era sair da mesa e fechar a porta do quarto que ia haver festa. No dia seguinte lá estava a minha mãe. E era a minha mãe que

não abria a boca. Doía-lhe. Quem é que fazia farinha? Quem é que abria a boca? O meu pai abria os olhos e toda a gente fechava a boca. Excepto a velha.
Fui educada no silêncio. Fui educada com olhares. Os olhares do meu pai que me diziam o que não fazer e os olhares da minha mãe que me diziam o que fazer.
Com a minha avó é que ele não fazia farinha. Com ela não. A ela tinha-lhe respeito. A ele, era ela quem abria os olhos. E ele baixava a voz. Ó, que não baixava. Sabia-a toda, a minha avó. Duzentos anos no meio dos homens. A ela, ele não lhe dizia o que fazer.
O meu pai trabalhava na faina, a minha mãe na fábrica, onde também trabalhou a minha avó e a minha bisavó. E quando eu entrei para a fábrica já me conheciam, porque conheciam a minha mãe, a minha avó e a minha bisavó que também viveu até aos duzentos anos. Antes de eu ir trabalhar para a fábrica já lá vivia. Cheguei a dormir no chão, porque já não havia berços para os filhos dos operários. Dormia onde se podia arranjar; no chão, numa cesta de sardinhas, dentro dum armário, enfim. Fui criada praticamente dentro da fábrica. Uma vez foram dar comigo dentro de uma caixa onde a minha mãe me tinha deixado, a mastigar uma sardinha ainda viva. Já a hora de comer tinha passado há muito.
Havia a creche que pertencia à fábrica onde punham os filhos dos operários. A minha mãe ainda me pôs lá por uns tempos, mas foram dar com outro pirralho a mijar para cima de mim, a minha mãe tirou-me logo da creche. Aquilo era só uma mulher a tomar conta de todos os filhos dos operários, a criatura não dava conta de tantas crianças. Cresci debaixo das saias da minha mãe dentro

da fábrica. Acabei por ganhar amor àquilo. Porque a gente ganha amor às coisas a que se habitua.

A Nossa Senhora não quer nada comigo.
A Nossa Senhora sabe muito bem que as hienas quando nascem começam-se logo a comer umas às outras. Deus me perdoe.
Mas hei-de viver até aos duzentos anos. Rija até aos duzentos anos.
Querida mãe, vossemecê é que me dizia *"mais vale burro que me carregue que cavalo que me derrube"*, e de burro o meu pai não tinha nada. Ruins os homens. Piores que as hienas. Mas as hienas fazem-na pela calada. Escondem-se na noite e quando menos se espera ferram os dentes. Que não há dentes mais fortes que os das hienas. Rija como uma hiena.
"Mais vale burro que me leve do que cavalo que me derrube."
Isto hoje não está bem.
O comer para fazer. *Cavalinhas alimadas*. Batatinhas para acompanhar.
Isto não tem nada que saber. Primeiro amanhar o peixe. Tirar a cabeça e as tripas. Depois num vasinho põe-se sal até não se ver o fundo. Às camadinhas, vamos pondo o peixe e o sal por cima para ficar bem salgadinho. As cavalinhas devem ficar totalmente cobertas de sal. Depois deixa-se de um dia para o outro.
Depois de bem tomado pelo sal, cozem-se as cavalas numa panela com água a ferver sem tirar o sal. Depois de cozidas, tira-se a pele e a "espinhita" do meio com muito cuidado para não se partirem muito as cavalas e mergulham-se em água fria durante uns minutinhos que é para não ficarem salgadas em demasia. Lavam-se e secam-se com um pano. Descascam-se umas quantas cabecitas de

alho, cortam-se às "fati'inhas" e põem-se no fundo de uma travessa. Depois é só pôr as cavalas e os alhos em camadas e regar tudo com azeite. Servem-se depois com umas batatinhas à algarvia.
Naquela altura, já eu sabia umas coisas. Naquele tempo, já a minha avó me tinha ensinado o *Pai-Nosso*. O *Pai-Nosso* que é como quem diz, que no meio das rezas muita coisa se aprende. E amanhar o peixe é a primeira coisa que se aprende a quem nasce e vive do mar.

A fábrica não era vida para ninguém. Uma vida muito arrastada. Aquilo não havia horas para trabalhar, não havia fins de semana, nada. Sempre que havia peixe, tocava a sirene e lá íamos nós. Primeiro a minha bisavó, depois a minha avó, a minha mãe e eu. Acabei por ir parar à fábrica. A fábrica apanhou-nos a todas. Dizia-se que quando a fábrica apanhava uma era p'ró resto da vida e eram precisas muitas rezas p'ra livrar os filhos da fábrica. Eu ainda aprendi costura, mas não me dei bem com a mestra. Então lá fui ficando. A minha avó avisava a minha mãe: "Não deixes a pequena muito tempo na fábrica, senão a fábrica apanha-a", mas a minha mãe não tinha onde me deixar. A minha avó trabalhou até morrer. Duzentos anos sempre a trabalhar. Rija como uma hiena. Eu deixei-me ficar, depois habituei-me àquilo e deixei-me prender. A fábrica agarra-nos e quando queremos sair já é tarde demais, já não temos para onde ir. Fábrica ou fome. Na fábrica, pelo menos, nunca ninguém passou fome. Ninguém quer passar fome.
A fábrica protege-nos. "Sim senhor, esteve aqui tal dia e tal hora", que até se fosse preciso mostrava-se o ponto picado. Nas paredes e nas gentes da fábrica podia a gente confiar.

2

Uma vez andava a minha bisavó atrás de uma outra que, dizia, andava “amantizada” com o meu bisavô. Que o meu bisavô, lá de mulheres percebia ele. Ora a minha bisavó, rija como uma hiena, não podia permitir uma desonra daquelas. Esperou que entrassem todos para a fábrica depois do toque e esperou numa esquina a criatura que se dizia que andava a arrastar a asa p’ra cima do meu bisavô. Deu-lhe tantas e tão poucas que a outra ficou estendida no meio do chão. Feito o servicinho, raspou-se para dentro da fábrica sem ninguém dar por isso. Com os gritos da criatura vieram as mulheres ver o que era aquilo. Quando a mulher se preparava para fazer queixa, quem é que tinha visto alguma coisa? Era “o vias”! Ninguém viu nada, ninguém deu por nada, ninguém sabia de nada. Mas todas sabiam que isto de se meterem com os maridos das outras não é coisa que se faça.

A minha bisavó casou-se muito cedo. Muito cedo teve a minha avó. Muito cedo a minha avó teve a minha mãe e muito cedo a minha mãe me teve a mim.

Não cheguei a conhecer o meu bisavô. Dizem que gostava de três coisas: vinho, mulheres e anedotas. A quem ele não conseguia fazer rir era a minha bisavó. "Traz água no bico. Ou está com um copito a bordo ou andou pela rua a ver as vistas." Os olhos de um homem tinham que ser postos em casa. Somente em casa. Não há cá que deitar o olho à mulher do próximo. "Esta casa é de respeito." Foram tantas as rezas e as mezinhas que ela lá acabou por lhe fazer a cama. "Ó, fulana, que fizeste ao teu homem que ele anda tão murcho? Tão murcho anda o teu homem". "Aquilo, boa coisa não é". "Ó, Maria, tu vê lá". Era o que se dizia. Que a minha bisavó andava a enfeitiçar o homem, de tão murcho que ele andava. Pois se antes era vê-lo sempre galo para as moças, a rir e a contar anedotas, agora nem o olhar levantava. Pois que as gentes falam. E a vizinhança o que quer saber acaba por saber.

Contava-me a minha avó que, era ela moça pequena, ia com a minha bisavó à esquina ver o pai entrar na casa das amantes. E ficavam ali à espera que ele saísse para o encher de pancada, mas que ele era esperto que nem uma raposa e dava conta de elas estarem ali à cata dele, de modo que não se dava a ver. Lá se escapulia o homem pelas janelas que davam p'rós telhados e entrava em casa pela açoteia, de modo que quando a minha bisavó se cansava de esperar e voltava para casa, estava o meu bisavô à espera, sentado à mesa, como se não fizesse caso de nada, e assim a minha bisavó não tinha como lhe deitar a mão, pois dizia-lhe ele que era ela que não andava bem das vistas. Mas *apanha com o cajado quem se mete onde não é chamado.*

Era esperto que nem uma raposa. Podia ser. Até ao dia. Diz a minha avó que nunca o viu levantar a mão à minha bisavó. Era um homem de paz. "Ó, Maria, deixe lá"– que era como se chamava a minha bisavó, a quem eu fui buscar o nome –, "Antes isso que outra coisa pior"." Ó, Maria, feche os olhos. O que os olhos não veem, o coração não sente".
Mas quem é que sossegava a Maria, a minha bisavó, rija que nem uma hiena? Quem é que lhe fazia aguentar tamanha desonra?
Ai dela se ouvisse alguma coisa do meu bisavô andar "amantizado" com outra. Ele era tanta reza e tanta mezinha que haviam os dois pecadores de se arrepender de terem algum dia levantado os olhos do chão. Havia a velha de lhes rogar tanta praga que eles amaldiçoariam o dia em que puseram os olhos um no outro. Pois não era só o meu bisavô que sofria com a raiva da minha bisavó, rija como uma hiena. Elas ficavam ainda piores. Diz que a uma caiu-lhe o cabelo, a outra encheu-se-lhe o corpo de chagas que nem à rua se atrevia a sair. Era assim. Mau feitio tinha a velha. A ruindade em pessoa. Até às filhas com um baraço batia mal elas levantassem a voz.
De uma maneira ou de outra ele lá se foi safando. Conseguiu quase sempre enganar a velha. Até ao dia.
Enrolou-se com uma rapariguita – a filha do sapateiro –, e a esta, a minha bisavó não lhe perdoou. Matou-lhe o bicho. Empenhou-se tanto nas rezas que o homem nunca mais foi o mesmo.
"Eu hei-de ficar sem ele, mas tu também não lhe hás-de dar uso!".
Isto contou-me a minha avó, que era quem me contava estas histórias todas. "Não encha, vossemecê, os ouvidos da pequena com essas histórias" , dizia a minha mãe, mas eu gostava de ouvir, e pedia sempre para ouvir mais que era assim que a gente aprendia as coisas.

Até ao dia em que nunca mais o meu bisavô ao dito cujo deu uso. Deu-lhe a minha bisavó tantos chás, tantas compressas, fez tantas rezas que acabou por dar por bem-feito o desmancho. Que àquilo com a filha do sapateiro ela não lhe perdoou. Ficou o meu bisavô sem aquilo que faz dos homens, homens. Murchou-se-lhe o engenho. Daí até à cova pouco mais foi. Morreu novo.
Mas hoje é um dia bom.

3

O Francisco deu-me o meu primeiro desgosto de amor. Ele dizia que queria casar, mas queria casar comigo mais a Rosinha da florista e a Teresinha da mercearia e a Gracinha da farmácia… Ora, eu vim a saber disto e mandei-o às urtigas, que num homem assim a gente pode lá confiar. O Francisco era muito bonito e falava muito bem. Talvez por isso tenha conseguido levar-nos a todas nas suas cantigas. Quando lhe descobrimos a careca encostamo-lo à parede e nem aí ele se mostrou sério, digno de uma de nós. Que, se pudesse, casava com todas, que era um grande apreciador de beleza, e nós éramos todas umas flores… conversa.

Foi o meu primeiro desgosto de amor. Aquilo que eu pensava que era o amor. As trocas de olhares, os beijinhos na mão, os versos escritos. Aquilo que na altura se dizia que era amor.

Um desgosto. Mas durou-me pouco o desgosto. Nunca fui cá mulher para chorar muito os homens. Um homem.

Houve um homem. Um homem que eu sabia que não era nenhum santo. Porque os santos antes de subirem aos céus ainda andam cá na terra de pecado em pecado.

Chamava-se João. Contrabandista, vim a saber mais tarde. Os contrabandistas confundiam-se com alguns dos pescadores que vinham de Espanha, e muitas vezes apareciam novas traineiras sem a gente se perguntar muito de onde vinham. Estava de passagem. Durou pouco. Mas foi o suficiente.

Um dia não apareceu. Eu esperei por ele. Esperei muito tempo por ele. Ele disse que aparecia e eu esperei. Porque quando se combina uma coisa, e uma coisa séria como a gente tinha combinado, não devem as pessoas faltar com a palavra. Eu esperei. E se aquele diabo tivesse aparecido eu não me tinha casado.

Conheci-o num domingo, nunca mais me esqueço. Costumavam as famílias ir até um riachozinho, que na altura era o sítio dos piqueniques, e lá encontravam muita gente. Nisto vejo o corpo de um homem a sair da água; um corpo grande, um tronco de uma árvore. Que coisa aquela que eu senti entre as pernas. Nunca me hei-de esquecer. Nesse momento eu soube que aquilo que me fazia disparar o coração não era deste mundo.

Falámos e marcámos encontro. Encontrámo-nos e eu dei-me como prometida. Um dia ele não apareceu. Apareceu-me anos depois o Alfredo.

Hoje pior que ontem.

É melhor tomar um chazinho. Hipericão para a melancolia.

Da virtude das ervas ensinou-me a minha avó tudo o que sei.

A camomila para a gripe.

A tília para os que são dados a "frenicoques".

O salgueiro baixa a febre.

O vidoeiro limpa os rins.
A verbena para as hemorroidas.
Sabugueiro, prisão de ventre.
Medronheiro, diarreia.
Cidreira, vómitos.
Malva, mal de estômago.
A cicuta para irmos desta para melhor.

Bem guardados os segredos, que só a Nossa Senhora é que sabe, e sabemos que a Nossa Senhora a ninguém os vais contar. Que a Nossa Senhora é a Nossa Senhora e na Nossa Senhora nós podemos confiar.
"Reza, filha, reza, que ela aparece a quem lhe é devoto" dizia-me a minha avó. "Cale-se *p'r'aí*, vossemecê, mãe, a encher a cabeça da criança com essas crendices", dizia a minha mãe. Mas o que é certo é que as rezas me ficaram. Ainda hoje não consigo tirar daí o sentido.

4

A minha avó guardava um grande segredo. O segredo da minha avó, depois muito bem guardado pela minha mãe e agora por mim, tinha a ver com o meu avô.

O meu avô sempre quis ter um filho homem. Queria ter um filho homem para lhe poder ensinar o que lhe ensinou o seu pai; por isso é que ele queria muito ter um filho homem. Juntou-se com a minha avó e disse-lhe: "Hás-de me dar um filho homem que é o que eu mais quero para lhe ensinar o que me ensinou o meu pai e para mais tarde ensinar ele aos seus filhos que serão nossos netos". A minha avó, que gostava muito dele, convenceu-se que sim; que lhe daria um filho homem, que o seu primeiro filho seria macho.

Tinha o meu avô uma pequena traineira – que naquele tempo era muito –, e querendo ele ensinar ao filho os segredos da faina, insistia com a minha avó para ela lhe dar um filho. Um filho

homem. Mas à minha avó, mesmo depois das núpcias e por aí em diante, não havia meio de lhe inchar a barriga. Não sendo a esterilidade um mal característico dos homens naquela época, implorava a minha avó aos céus por um filho, não fosse aquela demora sinal de um mal maior, e não se desse o caso de nem filho bastardo nem filha indesejada conhecerem a luz do dia.

E nada mais fazia a minha avó, a não ser contar as luas e empenhar-se nas rezas e nas novenas que lhe tinham ensinado a sua avó e a sua mãe, a minha bisavó e a minha trisavó. Com tanta reza e tanta demora já o meu avô se ressentia, e já se dizia que estava seca a minha avó, quando – por meio da Nossa Senhora, segundo me contaram –, viu a minha avó a barriga crescer, grávida do meu avô.

"Deus é grande!" – toda a gente pensou, mas também Deus escreve direito por linhas tortas, e em vez de um filho homem nasceu uma menina. A minha mãe. E de lágrimas nos olhos, o meu avô deixou de falar.

Saía para a faina, deixando a minha avó sozinha com a minha mãe – porque naquele tempo ainda a minha bisavó trabalhava na fábrica –, e quando chegava a casa nem ai nem ui, nem tuge, nem muge. Incomodava-lhe o choro da menina, incomodava-lhe o riso da menina, incomodavam-lhe as brincadeiras da menina. Tudo lhe incomodava. A minha mãe nunca soube o que era o amor do pai. Tratava a minha avó de tudo, de ser pai, mãe e mulher para aquele homem que nunca chegou sequer a pegar na filha ao colo.

Mas o meu avô não tirou o sentido de ter um filho homem e a minha avó queria muito agradar-lhe. Muitas rezas e novenas depois, a minha avó engravida outra vez. O meu avô olhou para ela e disse-lhe: "Mulher, tu trata de me dar um filho homem porque

senão eu deixo-te e tu ficas sozinha com duas filhas por criar".
A minha avó, coitada, com medo de ficar sozinha com duas filhas nos braços, e porque ainda gostava do marido, empenhou-se ainda mais nas rezas; que daquela vez é que era, daquela vez é que a Nossa Senhora a faria dar à luz um menino como o marido queria, para lhe ensinar os segredos da faina.
Mas *escreve Deus direito por linhas tortas*, e o que tem que ser tem muita força. As esperanças da minha avó desmancham-se depois de três luas por modo de uma queda ao descer umas escadas na fábrica.
E a partir desse dia o meu avô nunca mais foi o mesmo, e nunca mais foi a mesma a minha avó porque o meu avô deixou de ser o mesmo. O amor que ele lhe tinha desde a hora em que a viu, morreu ali ao vê-la com aquele filho não nascido numa poça de sangue no chão da fábrica.
E ainda a minha avó não tinha recuperado da desgraça de ter perdido a semente, e já o meu avô lhe queria plantar outra. E foram meses nisto. E quando já se pensava que o poço tinha secado, eis que à minha avó lhe incha a barriga pela terceira vez, e mais uma vez o meu avô lhe disse: "Mulher, tu trata de me dar um filho homem porque senão eu deixo-te e tu nunca mais me pões a vista em cima".
À terceira seria de vez; à terceira a Nossa Senhora não deixaria que mais uma desgraça se abatesse sobre eles e trataria de lhes dar um filho homem, que era o que o meu avô queria para lhe ensinar o que o seu pai lhe tinha ensinado.
Mas sobre os desígnios divinos a gente pouco sabe, e quem nos manda a nós achar que a justiça lá de cima é feita como a de cá de baixo? …

O menino que o meu avô tanto queria nasceu morto. Enrolou-se o cordão umbilical no pescoço do pobrezinho e veio a este mundo já sem vida.

Ora aqui havia a mão de Deus. Aqui, Deus Nosso Senhor havia de querer dizer alguma coisa. E daqui nunca mais a minha avó tirou o sentido. Que havia uma razão qualquer para aquele filho homem não nascer.

E deixando-se consumir pelo desgosto, entregou-se de vez às rezas. Até ao dia em que lhe apareceu a Nossa Senhora que lhe disse que mais filhos ela não poderia ter; que lhe devolvia a virgindade, e que se devia manter pura até ao fim dos seus dias.

A minha avó, consumida pela dor e por aquela visão da Nossa Senhora, decide queimar toda a sua roupa e passar a vestir-se de preto, num eterno luto, até ao fim dos seus dias, prometendo nunca mais se entregar ao esposo que mais não queria do que ter um filho homem. E quando a minha avó lhe disse que lhe tinha aparecido a Nossa Senhora; que lhe tinha dito que ela não podia ter mais filhos, ele riu-se e quis-lhe logo fazer ali outro filho. Mas de filhos a minha avó já não queria saber; que tinha uma para criar, e que mais não podia ter; que ia manter-se pura até ao fim dos seus dias, vestida de preto até ao fim dos seus dias, como lhe tinha dito a Nossa Senhora. Mas disto o meu avô não fez caso e sempre que lhe apetecia servia-se da minha avó.

E a minha avó, não se esquecendo das palavras da Nossa Senhora, e sem forças para se defender daquele homem que dela abusava sempre que queria – porque um filho homem havia ela de lhe dar –, decide pôr fim àquele sofrimento; que a Nossa Senhora estava do lado dela e não havia de castigá-la.

Querida mãe, vossemecê é que dizia que os homens conquistam-se pela barriga; que se a mulher se der bem com os tachos tem marido garantido. E também me ensinou vossemecê que pela boca morre o peixe, e o avô, com tantos anos de mar, mal sabia que pela boca estava a avó a cavar-lhe a sepultura; que de ervas e venenos sabia ela tudo o que havia para saber. E acabou-se o sofrimento. Era este o segredo da minha avó. Um segredo muito bem guardado por ela, pela minha mãe e agora por mim.

5

Quando a minha mãe se casou, o meu pai era um bom homem. A minha avó contava-me que ele era um homem às direitas, um verdadeiro homem como havia poucos. Levava a minha mãe a passear, tratava-a bem. Fazia-a feliz. E feliz estava a minha avó por a filha ter escolhido tão bom partido e por ter feito tão bom casamento. Não era homem de andar sempre na rua, não era homem de mulheres nem era homem muito amigo do vinho. Era apenas um homem silencioso. Pouco falava. Mas como diz o ditado: *de homem que não fale e de cão que não ladre deve a gente desconfiar*; que boa coisa não trazem.

O meu pai trabalhava com o meu avô na traineira e foi assim que a minha mãe o conheceu. Quando o meu avô morreu já eles estavam conversados. Com a morte do meu avô a traineira passou para a minha avó que a prometeu ao meu pai, se este se casasse com a minha mãe. E assim foi. O meu pai casou-se com a minha

mãe e ficou com a traineira do meu avô que morreu sem deixar um filho homem a quem ele tanto queria ensinar como lhe tinha ensinado o seu pai.

Mas o meu pai era um homem ambicioso e não lhe chegava apenas uma traineira; queria logo uma frota delas para poder dizer que eram todas suas e para mais tarde deixar ao filho que a minha mãe lhe iria dar – estava ele certo, como certo estava o meu avô de que iria ter um filho homem. E vai daí começa a envolver-se no jogo com os contrabandistas, sempre com o sentido de ganhar mais dinheiro para comprar mais barcos. Mas quem se mete com os contrabandistas nunca fica a ganhar, que eles sabem-na toda.

A minha mãe quando descobriu que ele andava metido no jogo com os contrabandistas, avisou-o que a sorte não durava sempre, e que eles até não estavam muito mal com a traineira que lhes tinha deixado o meu avô; que mais valia assim que jogar pela janela toda a sorte que o destino lhes tinha dado até agora.

O meu pai não gostou de ouvir a minha mãe a dar-lhe conselhos e levantou-lhe a mão pela primeira vez, dizendo-lhe: "Tu não me dizes o que fazer. O que eu faço é cá comigo." A minha mãe, com medo, foi logo a correr para a minha avó, dizer-lhe o que o marido lhe tinha feito. E a minha avó percebeu logo que, daqui para a frente, as coisas não lhes iam correr de feição.

O meu pai começou a apostar as economias que tinha, e em pouco tempo perdeu tudo o que tinha amealhado. Cego pelo jogo e sem mais nada para apostar, resolve jogar a traineira que lhe tinha dado a minha avó pelo casamento, para ele sustentar a minha mãe e os filhos que viessem. Perdeu. E perdeu também a alegria de viver quando caiu em si e se apercebeu da desgraça em que

tinha caído. Sem forma de sustento, teve que se empregar nos barcos que serviam a fábrica. E como aquilo mal chegava para pôr pão na mesa teve também a minha mãe que se empregar na fábrica que era onde ainda trabalhava a minha avó.

Ao meu pai, habituado que estava a ser patrão, custou-lhe muito ter que acatar as ordens dos outros. Aquilo para ele era uma humilhação muito grande, ambicioso como era. Talvez por isto tenha começado a beber; tanto, que chegava todos os dias a casa bêbado. *E quando o vinho entra, o juízo sai*. Sempre que a minha mãe lhe dizia alguma coisa ele gritava e levantava-lhe a mão.

A minha mãe, cheia de medo, ia logo a correr ter com a minha avó que vinha de pau erguido. E à minha avó o meu pai tinha-lhe respeitinho. Tinha-lhe respeitinho, porque estava convencido de que todo o seu azar tinha sido feitiço da velha! No entanto, rosnava: "Cambada de hienas! Amaldiçoadas!"

Transformou-se a vida da minha mãe num inferno. Pau para toda a obra, pois cego tornou-se o meu pai que nada mais à frente via a não ser o vinho e o jogo.

E quando as coisas não podiam correr pior, eis que a minha mãe engravida. E o meu pai disse-lhe: "Mulher, tu trata de me dar um filho homem que é o que eu mais quero para lhe ensinar tudo o que sei sobre o mar!"

Aquilo parecia maldição. São assim os homens. Querem porque querem.

Quando eu nasci, o desgosto do meu pai foi tal que me disse a minha mãe que o homem chegou a usar uma gravata preta durante oito dias. Estava de luto pelo filho que a minha mãe não lhe tinha dado.

Aos poucos, foi o desgosto da minha mãe crescendo, consumin-

do-a. Sei, porque ela me dizia. Não me dizia por palavras; que para estas coisas a gente não usa palavras, mas eu bem via. Sabia quando ela olhava para mim. Sabia o que ela me dizia. Sabia. E estas coisas as mulheres sabem. Antes viúva que divorciada. Naquele tempo desgraçada da mulher que abandonasse o marido. E a minha mãe, pelo meu pai, tinha-lhe um ódio de morte, tão grande quanto o desejo que lhe ardia por entre as pernas. São assim as mulheres, querem e não querem.

O meu pai não abria a boca. Levantava a mão. Não se lhe ouvia uma palavra. Levantava a mão. Depois agarrava-se à minha mãe. Prendia-a pela cintura. Tinha desespero escrito no rosto. Que maneira arranjam eles de amar a gente. O meu pai dizia que amava a minha mãe. Àquilo chamava ele de amor. O meu pai olhava para a minha mãe como não olhava para ninguém e a minha mãe não podia levantar os olhos do chão. Se ele chegava a casa do mar e a encontrava a falar fosse com quem fosse a loiça voava pela janela fora. Aquilo eram pratos, alguidares a voar e até cadeiras ele partia, se fosse preciso.

Uma vez foi lá a casa uma vizinha pedir uns ovos à minha mãe – na altura tínhamos uma pequena criação de galinhas no quintal; era eu moça pequena –, a minha mãe deu os ovos à criatura e sentaram-se as duas a falar da vida. Chegou o meu pai a casa e viu as duas sentadas a conversar. Não disse nada. Não abriu a boca. Viu a mulher a levar os ovos, correu para a capoeira e matou as galinhas todas uma a uma. Depois, cheio de sangue entrou em casa e sentou-se à mesa. Não abriu a boca. O sangue escorria-lhe pelas mãos enquanto se servia de vinho. Nunca me hei-de esquecer. O meu pai coberto de sangue. Aquilo ficou-me. Nunca me hei-de esquecer. A minha mãe quieta, imóvel, de olhos muito

abertos. Eu a olhar para ela sem saber o que fazer. O meu pai a beber em silêncio. Cheio de sangue.

Lembro-me de uma outra vez em que estava com a minha mãe na rua, à porta de casa. Na casa em frente estavam uns homens a trabalharem num telhado que estava prestes a cair. A minha mãe era uma mulher muito bonita. Os homens meteram-se com ela – aquelas coisas que se dizem, sem mal nenhum –, e ela deu-lhes conversa. Chegou o meu pai, viu aquilo, olhou para ela e entrou em casa, mudo. Ela foi atrás. Eu fiquei a falar com os homens que tinham engraçado com as minhas trancinhas. Nisto ouvi um grito. Fui a correr para casa: estava a minha mãe com um cesto de peixe enfiado na cabeça que o meu pai tinha trazido da fábrica. O chão cheio de sardinhas. A minha mãe sem conseguir tirar o cesto da cabeça – porque a verga lhe arranhava o pescoço –, escorregava naquele chão de sardinhas. Levantava-se e escorregava, levantava-se e escorregava, levantava-se e escorregava, sempre com o cesto na cabeça que lhe tinha enfiado o meu pai.

Muito passou a minha mãe. Mesmo quando lhe diziam: "Deixa-o, rapariga. Vai-te embora. Ele não te merece. Tu és uma mulher às direitas. Tu não mereces a sina que tens", a minha mãe insistia: "As coisas vão mudar."

Uma vez quis a minha mãe fazer uma surpresa ao meu pai.

O meu pai foi para o mar e esqueceu-se do farnel em casa. Naquele dia a sereia da fábrica ainda não tinha tocado e pensou a minha mãe em levar o almoço ao marido; que desta surpresa ele iria gostar. Ao vê-la no barco iria ficar contente e não teria razões para se zangar quando chegasse a casa por ela não lhe ter lembrado de levar o farnel.

Foi até ao cais à procura do *ti* Zé – que ela sabia que ia para o mar

e que ia encontrar o meu pai na faina – e embarca com ele e com os pescadores, deixando-me no cais com a minha avó.
Quando o meu pai a vê chegar no barco com todos aqueles homens fica cego de ciúmes e atira o cesto com o almoço que a minha mãe lhe tinha preparado para o mar. E nem uma palavra. Olhou-a com uns olhos que a minha mãe não teve coragem para sequer respirar. Ao chegar a casa arreou-lhe com tantas e tão poucas que ficou a minha mãe com o queixo todo negro e um braço todo pisado.
"Ainda acreditas que ele vai mudar?" – Disse a minha avó à minha mãe – "Tu olha o estado em que ele te deixou. Abre os olhos, rapariga! Quem lhe vai dar uma lição sou eu, que ele a mim tem-me respeitinho. Comigo não faz ele farinha!"
E raios partam a velha que decidiu fazer morada lá em casa, pois as hienas protegem as crias, e não percebendo que feitiço tinha o meu pai lançado à filha, enxotou o lobo à paulada, por muito bom pelo que ele tivesse, que àqueles assuntos a velha tratava-os como aos animais; ele era cajadadas de porrada até ver a cria em segurança.
Não me valeu, numa noite, o cajado da minha velha avó.
Numa noite aprendi tudo o que tinha para aprender até ao resto da minha vida.
Aprendi que os homens desaparecem no corpo de uma mulher e que esta, toda braços e pernas, membros de cobra, lhe espreme o néctar com que fazem os filhos, e dos filhos, as filhas.
Andava o meu pai fugido de casa, fugido da minha avó. Dormia a velha na minha cama e dormia eu com a minha mãe. "Um ninho de cobras", "um covil de hienas", como gritava o meu pai, e não havia ele de se aproximar a não ser como cordeiro manso pela

calada da noite, através da janela destrancada pela minha mãe, fraca de desejo, para ambos se entregarem àquilo que na altura eu não sabia a que os corpos se davam.

Ali, ao meu lado, naquela noite, nem o faro da minha velha avó me valeu; abriu a minha mãe, pela última vez, as pernas ao meu pai, abrindo-me os olhos para o mundo do corpo, enquanto fechada, encolhida, tapada, cobria boca, ouvidos, olhos, corpo e tudo. Naquela noite, aprendi o que havia a aprender sobre o corpo de um homem em cima de uma mulher. Soube o quanto pesava o corpo de um homem.

Pensava a minha mãe que eu dormia. Pensava a minha mãe que a sua menina dormia. E a sua menina nessa noite fez-se mulher. Eu fiz-me mulher. Já não me chegavam os vestidinhos que a minha mãe me fazia, nem as trancinhas que a minha avó me tecia no cabelo.

Calor e cheiro por baixo dos lençóis. Um cheiro doce que não conhecia de lado nenhum. Uma respiração que nunca acreditei que o coração dos homens fosse capaz. O lençol que a minha mãe julgava agarrar que nem uma leoa era a minha camisinha de dormir, branca de noite, suja de sangue na manhã seguinte.

Estou grata à minha mãe por me ensinar o amor dos homens.

Naquela noite, eu vi como a minha mãe tomou conta do meu pai como nunca tinha visto, e vi-o ali, sem força, desmaiado depois de um forte ronco, por força do amor que ela lhe tinha. Isto eu aprendi.

Voltou depois a minha avó para o seu covil e o meu pai para o regaço da minha mãe, e durante uns dias a coisa andou bem.

Mas eis que chega o dia do meu aniversário. A minha mãe comprou-me um vestidinho branco, e eu, toda vaidosa, fui logo mos-

trar ao meu pai: "Gostas pai, gostas?", "Sim senhor, filha, que belo vestido te comprou a tua mãe."

E quando a minha mãe chegou a casa da fábrica, o meu pai estava à espera dela. Perguntou-lhe: "Compraste um vestido para a menina?", "Comprei que ela hoje faz anos", respondeu a minha mãe. O meu pai não lhe perguntou mais nada, levantou-lhe a mão e começou a enchê-la de porrada. A minha mãe, aflita, jogou a mão ao candeeiro que estava em cima do móvel e atirou-o à cara do meu pai que caiu ao chão. Depois, correu para a cozinha e voltou com a panela de pressão nas mãos, e antes que o meu pai se conseguisse levantar, deu-lhe com a panela na cabeça. Vinte e sete pancadas; contei eu. Ficou o meu pai com a cabeça esmagada e a minha mãe toda cheia de sangue. E eu ali.

Eu ali, especada, sem conseguir dizer uma palavra. O meu pai com o crânio desfeito, a minha mãe cheia de sangue, e eu ali.

E naquele momento eu pensei que a Nossa Senhora fosse aparecer ali, para levar o meu pai, e eu ia vê-la a levá-lo para o céu. Fiquei à espera da Nossa Senhora. Depois ouvi uma voz dizer-me: "Vai chamar a tua avó." Comecei a pensar que era a Nossa Senhora que me estava a falar ao ouvido; invisível ao meu lado, ela dizia-me para ir chamar a minha avó. Voltei a mim com o grito da minha mãe a chamar o meu nome. Era a minha mãe que me dizia para ir chamar a minha avó.

Corpo de pescador ao mar deve voltar. Disso estava a minha avó certa, pois estava a minha mãe cega entre lágrimas e sangue. E como a velha cortava os pescoços às galinhas para a cabidela de sábado, assim cortou o meu pai aos pedaços com o cutelo da cozinha. De falta de força a minha avó não se podia queixar e nunca pensei eu que tanta força fosse preciso para se cortar as pernas a

um homem. “Leva daqui a menina!”, gritou a velha para a minha mãe ensanguentada, e eu escondi-me atrás da porta a espreitar o fim que destinavam ao meu pai.

E do homem que a todas atormentava, restava agora pedaços num sujo charco de sangue que cobria o chão da cozinha.

Da mão, do pulso forte que o meu pai me dava quando era moça pequena, via-lhe agora o osso branco, amarelado, sangrento, por entre a frincha da porta da cozinha.

Não havia Nossa Senhora que aparecesse para assistir àquilo, nem para me acudir no meio de tamanha desgraça.

Fiquei sozinha nessa noite, com o fantasma do meu pai desmembrado. Saíram a minha mãe – embriagada de medo –, mais a minha avó, devolver ao mar os bocados que restavam daquele homem que para o mar tinha nascido.

Limpou-se muito bem a casa, chamou-se a guarda, a quem lhes contaram as negociatas que o meu pai mantinha com os contrabandistas, chamaram-se as vizinhas para acudir na desgraça e choraram muito as mulheres.

Ficou a coisa tão bem consumada que foi feito ao meu pai um funeral sem corpo com honras de pescador, pois abafam as gentes os rumores de quem se mete com contrabandistas, afadigados de saber que quem com estes se mete, não há vida que lhes resista. E acreditam as gentes no que mais lhes convém. À minha mãe não faltaram ombros para chorar. “Ainda és nova rapariga”, “Foi o teu homem que se desgraçou, tu não tens culpa.” – *Tu não tens culpa* –, “Tens que pôr os olhos na tua gaiata e é aí que irás encontrar a tua força”.

Mal sabiam as gentes que no meu corpo tinha a minha mãe construído a sua fortaleza.

A Nossa Senhora tudo perdoa, e perdoou a minha mãe por aquele pecado. Assim como perdoou a minha avó por ter limpado o sebo ao meu avô e ter cortado às postas o meu pai.
A Nossa Senhora perdoa tudo. Perdoa. Tudo.
Valha-me, a Nossa Senhora.

6

Casei-me. Pois claro que tinha que me casar. Casei-me nova tal como se casou a minha mãe, a minha avó e a minha bisavó. Tal como elas também eu me casei.

A gente quando nasce parece que tem o destino marcado lá em cima, e não há maneira de a gente se livrar dele. E não sei se é Deus que nos junta lá em cima e faz com que a gente se junte cá em baixo.

Quis Deus que eu me casasse com um pescador, tal como a minha mãe, a minha avó e a minha bisavó.

Estas coisas pode lá a gente explicar? Pode lá a gente explicar porque é que as coisas são como são e não de outra maneira? Vai-se lá saber.

Foi o destino que me juntou ao meu marido. Deus juntou-nos lá em cima e arranjou maneira de a gente se encontrar cá em baixo.

Eu não me queria casar com um pescador, Deus me livre, não

queria ninguém do mar. Mas aquele apareceu-me e lá me conseguiu levar.

Afeiçoei-me ao desgraçado. Porque era um homem desgraçado. Não era homem de mulheres. Lá isso não. Nunca tive suspeitas do homem andar enrolado com fulana tal e tal. Sempre fiel. Lá isso. Mas não ponho as minhas mãos no fogo. Eu não ponho as mãos no fogo por ninguém. Mas se o Alfredo fosse homem de mulheres eu sabia. Lá isso sabia; que uma mulher tem sempre maneira de saber estas coisas. Nunca o vi olhar para uma saia. Se ele fazia as coisas, fazia-as muito bem porque eu nunca dei por nada. O problema do homem era outro. Não se metia no vinho. Era um copito às refeições e quando se juntava lá com os homens do mar. Nunca chegava a casa embriagado. Uma vez por outra. Mas eu nunca lhe dizia nada. O problema do homem era outro.

O problema do Alfredo é que era doido varrido. Maluquinho de todo. Que ele não fazia por mal. Lá isso. Não se pode dizer que fazia por mal. Era doido varrido. Tinha os parafusos todos fora do sítio. Eu é que lhe aguentava a "doideira" toda.

Aquilo foi a guerra. A guerra deu-lhe cabo do juízo.

Quando namoramos, antes de ele ir para a guerra, o homem era são. Não era doidinho. Ninguém dizia que o Alfredo não batia bem da bola. Era um rapaz correcto, respeitador. Foi pedir a minha mão à minha mãe e à minha avó, com todo o respeito. Que ele era moço bom. O Alfredo.

A minha mãe enchia-me os ouvidos para eu não escolher marido que andasse no mar, e eu fugia a sete pés dos pescadores. Já me bastava a fábrica. Mas houve um dia, recordo-me bem, em que me esqueci de que o Alfredo era pescador. Foi num dia cinzento e alguns homens estavam no mar. Nisto levanta-se um temporal

que começa a levar os barcos, e nós na praia a ver homens a cair ao mar. As mulheres, numa gritaria que não se podia "É o *ti* Zé. O *ti* Zé caiu ao mar". Os homens, cobardes, ai deles de se atirarem ao mar para salvarem os compadres. E o Alfredo a gritar, a chamar pelos homens que estavam em terra, para se meterem ao mar para salvarem os que estavam a cair dos barcos. Mas quem é que se metia no barco com ele? Era o ias, que o mar estava bravo. Mas lá conseguiu o Alfredo levar mais uns quantos e meteram-se ao mar, cegos para salvar os outros. As mulheres gritavam "Não te metas ao mar que de lá já não sais!" Mas o homem não fez caso e lá foi ele mais os outros salvar os homens que tinham caído ao mar. E uma coragem daquelas, eu nunca tinha visto. Quando o vejo chegar à praia com o *ti* Zé nos braços eu dei por mim a rezar à Nossa Senhora para ter ali alguém que me protegesse. Foi assim. Sem tirar nem pôr. Dias depois já estávamos conversados.
Era um bom homem. A guerra deu cabo dele. Dois anos de guerra. E durante dois anos conversámos por carta. De vez em quando mandava-lhe uns retratos que tirava. Mas tínhamos que ter cuidado com o que escrevíamos, porque as cartas não eram apenas para os nossos olhos. Ainda tenho isso tudo guardado para ali, mas nunca mais lhe peguei. Nem quero. Deus me livre. Já basta eu ser dada a estas recordações, não preciso de estar agora aqui a ler e a reler o passado. Deus me livre. Tenho isso tudo guardado numa caixa que não me atrevo a abrir.

Casamos, mal ele chegou da guerra. E já vinha diferente. Que a guerra não é coisa que a gente imagine. A gente faz lá ideia. O homem não veio o mesmo. Aquela alegria que ele tinha foi-se. Já não era o mesmo. Já não olhava para as coisas da

mesma maneira. Quis casar logo. Mal chegou quis logo casar. Disse-lhe que sim. Mal sabia eu o que me esperava. Que ele era bom homem, lá isso era. Parecia ser boa companhia, mas deu-lhe a desgraça. E quando se dá a desgraça não há maneira da gente se livrar dela.

No dia do casamento apanhou, o homem, uma bebedeira de tal maneira que na noite de núpcias não conseguiu pô-lo a funcionar, e daí para a frente a coisa nunca mais funcionou. É verdade. Purinha. Purinha como uma Nossa Senhora, estou eu aqui. Nunca conheci pecado.

Alguma coisa correu muito mal e o homem deixou de funcionar, ou melhor, nunca chegou a funcionar. Isto contado, ninguém acredita. Parece eu que estou a pagar pelos pecados da minha bisavó, da minha avó e da minha mãe. Cambada de hienas. Alguém lá em cima decidiu que seria eu a última de uma geração de hienas solitárias que esconjuraram os seus homens e que teria agora que pagar por todas elas. Mas se as coisas aconteceram como aconteceram, alguma razão houve. Se tiveram o fim que tiveram, foi porque o mereceram. Valha-me, Nossa Senhora. A minha querida Nossa Senhora.

O homem tentava, não conseguia. Eu não insistia. Depois levantava-se e começava a partir as coisas, danado por não me conseguir "fazer feliz" – dizia. Depois começaram os pesadelos. Acordava a meio da noite a gritar, alagado em suor, a gritar "Eles vêm aí! eles vêm aí!". Quem é que vinha aí? Os pretos da guerra. Sonhava com os pretos da guerra. Que o iam levar. A partir daqui avariou de todo. Avariou de todo o homem.

Nos primeiros meses eram só os pesadelos. De dia era um homem normal, como os outros, mas quando chegava à noite não

parecia o mesmo. Mal adormecia começavam os pesadelos. E gritava. "Os pretos. Os pretos. Os pretos vêm aí!" Eu acordava-o. Ele levantava-se e corria para o meio da rua, a meio da noite, esbaforido, como se os pretos andassem atrás dele. Depois voltava e deixava-se dormir. No dia seguinte, eu tentava falar com ele, mas quem é que lhe conseguia arrancar alguma coisa? Que não queria, que não queria falar, que aquilo não era nada, que logo lhe passava, para eu ter paciência. Paciência eu tinha, valha-me, Nossa Senhora. Levantava-se a meio da noite e desaparecia. E eu sabia lá por onde é que ele andava? Ele não me contava nada. Desaparecia e depois voltava alagado em suor como se andasse em guerra pelas ruas, como andava lá no mato a matar os pretos. Uma noite chegou-me a casa e perguntou-me se eu já tinha visto a morte de perto. Que sentia muito medo e que cada vez tinha mais medo. Só isto: se eu já tinha visto a morte de perto, depois adormeceu. Fiquei a saber que ele tinha muito medo. Eu dizia-lhe que a guerra já tinha acabado, que os pretos não fazem mal a ninguém e que agora ele estava em casa. Mas na noite seguinte lá voltavam os pesadelos e lá saía ele para o meio da rua a meio da noite para voltar como se andasse escondido de uma guerra que só se passava na cabeça dele.

Andou meses e meses nisto. E enquanto a coisa só lhe dava de noite, era menos mal. O pior foi quando começaram as vozes. Começou a ouvir vozes. Vozes que lhe diziam coisas. Comecei a dar com ele a falar sozinho. "Falas com quem, Alfredo?" – perguntava-lhe. E ele calava-se. Ficava muito calado.

Depois começou a gritar comigo. "Desertor! Desertor!" Dava-lhe uma fúria e ia tudo atrás. Eu, se não me escondesse lá ia também, que o homem ficava cego. Não que ele fizesse por mal, era

a doença dele que lhe dava para fazer aquelas coisas. Eu dizia-lhe que ele não estava bem; que tinha que ir ao médico, que aquelas coisas que lhe davam não eram de gente sã. Mas ele não fazia caso; para eu tirar daí o sentido, que ele estava bem, que aquilo passava-lhe, e que não eram cá precisos médicos. Que nunca tinha ido ao médico, e muito menos médicos de malucos. Que maluco ele não estava. Um dia desapareceu-me de casa. Desapareceu. Saiu para ir ao vinho num dos seus dias bons e não voltou mais. Em grandes cuidados estive eu, que o homem não me voltava para casa. Tinha ido ao vinho, à venda no fundo da rua, e nunca mais me voltava para casa. Corri tudo à procura dele. "Viu o meu Alfredo? Esteve aqui o meu Alfredo?" Nada. Ninguém tinha visto o meu homem. Até a guarda eu chamei. "Ó, sr. guarda, veja lá que o meu homem desapareceu-me de casa. Foi ali à venda, no fim da rua para comprar vinho, e nunca mais me voltou, e já passaram dois dias." Ninguém dava pelo meu Alfredo. Nunca ninguém soube onde ele se tinha enfiado. Apareceu-me em casa quatro dias depois. Um farrapo. Um autêntico farrapo.

Por uns dias andou calmo. Mas depois não sei o que era, mas já não eram só as vozes. Via coisas onde não as havia e falava para as paredes, e atirava-se contra as paredes, e atirava-me contra as paredes. Foi aqui que eu comecei a apanhar. Ele olhava para mim e eu via que ele não me estava a ver. Era outra coisa que ele estava a ver. Eu defendia-me como podia. Sabia que aquilo não era ele. Aquilo era outra coisa. Depois voltava a si. Às vezes ficava por lá, sabe-se lá onde, perdido naquela guerra dentro da sua cabeça.

Depois voltava a desaparecer. E de cada vez que desaparecia demorava-se sempre mais, até que a guarda deixou de o procurar. Até que as gentes deixaram de perguntar. Umas semanas passava-as

em casa a atirar tudo ao ar, outras semanas passava-as sabe Deus onde. Mas voltava sempre. Moribundo, as roupas todas rasgadas, sangue pisado no rosto. Um autêntico Cristo. Que Deus me perdoe.

Um dia fui dar com ele estendido no chão, de olhos abertos. "Morreu-me o homem". Mas não, vivinho estava ele e bem vivinho. De olho aberto. Eu a chamar por ele e ele ali estendido, sem se mexer. Deixava-se ficar naquele estado. Depois levantava-se, saía porta fora, voltava a desaparecer e voltava semanas depois, e voltava àquele estado. Parecia que não estava ali. Eu chamava por ele, puxava-o, levantava-o e nada, ele não se mexia. Ficava ali de olho aberto. Eu deitava-o na cama e ficava à espera que ele se levantasse para voltar a desaparecer.

Um dia, encontro-o naquele estado em que não se mexia, de olho aberto, pego nele e deito-o na cama que nos ofereceram pelo casamento. Ainda lá está. Valha-me, Nossa Senhora. O que a gente passa numa vida.

7

O meu pai não assistiu ao meu nascimento.

Os homens do mar querem-se no mar a toda a hora.

Ainda guardo as fraldinhas com que a minha mãe me escondeu nos seus braços. "É uma menina!", disse depois ao meu pai. E o mundo caiu naquele momento, mas não caiu a minha mãe que muito bem sabia o que estava a fazer. E daquele homem, daquela maldição havia ela de me proteger; que os homens no meio das hienas não há meio de conhecerem o primeiro ano de vida, e não era esse o destino que a minha mãe me queria traçar.

Cega que nem uma cobra, protegeu-me nos seus braços de víbora para uma vingança que se abatia na família há gerações. Malditos os homens.

E filho varão não haveria eu de ser para fazer a vontade àquele homem que a minha mãe aprendeu a odiar.

Tinha eu os cabelos lourinhos como uma menina, o rosto igual

ao da minha mãe que puxava o da minha avó com os olhos da minha bisavó. O meu membro de homem escondido numa fraldinha que ainda hoje guardo. Morreu o meu pai anos antes de me crescerem os pelos no corpo na idade em que deixamos a meninice e nos transformamos no que hoje somos. Mas pelos eu tinha poucos, era Maria, outrora rapaz, Maria-rapaz, ora não fossem os vestidinhos da minha mãe e as trancinhas da minha avó que nunca me deu banho. Eu era apenas da minha mãe.

E com este segredo bem guardado vingou a minha mãe o sofrimento da minha avó e da minha bisavó, pois seriam as hienas a despedaçar o coração dos homens quando estes com elas contavam para lhes perpetuar as gerações.

É este o meu segredo. Segredo que a minha mãezinha muito bem guardou, segredo que eu ainda guardo, que fez de mim Maria, que me protegeu do meu pai e do amor que eu não fosse capaz de algum dia dar a mulher que me quisesse dar filho varão.

A doideira do meu Alfredo manteve-me purinha como uma Nossa Senhora. Sem querer, aquele homem fez de mim o seu segredo. Que seria de mim, se aquele pobre diabo me tivesse pedido filhos? Até para isso a minha mãe me preparou, pois deste ventre não sairia nem macho nem fêmea, e no meu corpo morreriam gerações de hienas famintas de homens.

Afeiçoei-me ao meu Alfredo. Ganhei-lhe estima. Fazia-lhe o comer.

Guardo-lhe o corpo já mirrado, já sem vida, na cama, no quarto. Nunca ninguém viu pele tão escura, tão esburacada, coberto de chagas, um Cristo descido da cruz.

A este ninguém lhe dará sumiço. Duzentos anos viverá comigo, rija como uma hiena. Limpo-lhe as chagas e esfrego-lhe o corpo

com um bocadinho de creolina dissolvida em água para que se mantenha o asseio. Nada de cheiros. Cuido dele. É certo. Deitadinho na sua caminha, todo mirradinho, vejo-o a desaparecer. A desaparecer até ao osso, rija como uma hiena, e até aos duzentos anos tomarei conta deste homem. Conheço-o para além da pele, dos músculos e das veias. Não lhe vejo o sangue a correr-lhe nas veias. O corpo move-se em decomposição. Vejo-o vivo. Comigo até aos duzentos anos. O meu Alfredo, que de mim nunca me tirou um segredo. Que me conservou pura como agora o conservo no nosso quarto. Eu. Rija como uma hiena. Até aos duzentos anos. A Nossa Senhora tudo perdoa. Se a gente tem bom coração a Nossa Senhora tudo perdoa. E Deus sabe que eu tenho bom coração.

Ouve um som.

Que foi isto? Que foi isto, meu Deus, que me pareceu…

Já estou como o outro, valha-me, Nossa Senhora.

Ouve novamente um som.

Credo. Não me digam que.

Alfredo!

Parece que estou a ouvir vozes.

Sente uma corrente de ar frio.

Que arrepio que me deu agora.

Que frio que sinto.

Que é isto?

Olha para uma luz invisível que lhe aparece. Luz sobe de intensidade lentamente.

(Esta luz é concretizada pelo uso de um projector no "exterior da cena". Por exemplo: um picado por cima da boca de cena.)

Meu Deus, que vejo eu?

Minha Nossa Senhora. Valha-me, Nossa Senhora. Que vejo eu?

Uma luz…

Estou a ver uma luz…

Tenta aproximar-se da luz, já bastante intensa.

É a Nossa Senhora.

A minha Nossa Senhora.

A minha Nossa Senhora.

Sou eu.

Sou eu.

Maria.

O teu menino Jesus.

O teu.

Minha…

Nossa Senhora.

Ajoelha-se perante a visão.

Estou a vê-la, Nossa Senhora.

Vejo-a, minha…

É tão bonita a Nossa Senhora.

Tão bonita a Nossa Senhora.

Tão bonita a…

Luz sobe ao máximo e desce muito rapidamente.

Escuro.





Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro e impresso pela Edigráfica
no primeiro semestre de 2014, com arquivos fornecidos pela Funarte.

PRÊMIO
LUSO BRASILEIRO
DE DRAMATURGIA
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

“Os homens são os homens. Valem o que valem. E não valem nada. Deixam-nos sozinhas enquanto dormem ao nosso lado. Habituam-nos à solidão, diabos os levem. Dão-nos os filhos e desaparecem nas tabernas. Chegam a casa, abrem-nos as pernas, servem-se, viram-se para o lado, dormem. São assim os homens. Assim me dizia a minha mãe. Assim me dizia a minha avó.”

Mais informações sobre o *Prêmio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva* em www.funarte.gov.br

ISBN 978-85-7507-156-4

Fundação Nacional de Artes funarte
Ministério da Cultura
Governo Federal Brasil — País rico é país sem pobreza